

SOUZA SANTOS, B. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra, 2020. 32 páginas.

Resenha da obra “Seria o coronavírus pedagógico?”

LEANDRO CASTRO OLTRAMARI

Doutor e professor associado da Universidade Federal de Santa Catarina

eandrooltramari@gmail.com

Palavras-chave: Vírus. Ciências Sociais. Coronavírus. Epidemia. Política Global.

O professor Boaventura de Sousa Santos, conhecido do público brasileiro, tem uma série de obras publicadas por aqui e é um autor reconhecido em muitos programas de pós-graduação no Brasil. Foi professor da Universidade de Coimbra, além de ter passado por uma série de outras universidades importantes fora de Portugal. Recentemente, lançou uma publicação de poucas páginas para uma reflexão sobre os tempos de pandemia de coronavírus. Esse texto com características ensaísticas está dividido em cinco pequenos capítulos, nos quais ele vai problematizando a relação da pandemia com as suas maiores vítimas, a população.

Boaventura inicia o livro com um capítulo intitulado “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar”, onde são abordadas algumas características intrínsecas da nossa sociedade neoliberal, dentre elas a lógica de uma crise constante.

Ele aponta como a pandemia fez as pessoas se isentarem de coisas quase impensáveis em tempos atuais, como ir a shoppings ou mesmo deixar de consumir tantos produtos. Essa experiência pode ser vivida por causa do vírus. Sousa Santos aponta uma contradição curiosa: a solidariedade nestes tempos se dá pelo isolamento. Estar só, isolado de todas as pessoas, é a melhor coisa que cada um pode fazer ao outro.

Ele aponta que até a poluição do ar na Terra diminuiu sensivelmente. Foi necessário haver uma pandemia, que colocou em risco a vida humana, para o “ser humano” se tornar mais vivível.

Outro elemento importante apontado por ele é o fato de que, em países democráticos, com maior acesso à informação, as chamadas *fake news* – ou mentiras, para sermos mais precisos – afetaram tanto o cuidado com a saúde. Ele vai citando países onde ocorrem esses negacionismos imprudentes e irresponsáveis e, obviamente, cita o Brasil entre eles.

Ele aponta que a tentativa de culpar e responsabilizar a China tem relação direta com projetos que podem também não ter confiança no que ela ofereça de tecnologia no futuro. Um projeto pensado? Não necessariamente, mas com certeza um bom argumento para travar batalhas de narrativas do “ocidente x oriente”. Isso não é novo. Em um trabalho, Ítalo Tronca (2000) aponta para o quanto que, no século XIX, a responsabilidade pela “lepra” foi localizada nos imigrantes chineses nos Estados Unidos, assim como a origem da Aids foi “identificada” nos povos africanos. Pelo jeito essas responsabilizações pandêmicas estão longe de terminar.

Ele vai apontando, de maneira muito rápida, mas sensível, a vulnerabilidade existente em nível global, como nos campos de refugiados onde não há saneamento adequado e as pessoas vivem em uma aglomeração inevitável. Isto pouco se faz presente nas preocupações dos países que recebem esses refugiados, pois, em tempos de pandemia, eles seriam responsáveis de quem?

No capítulo 2, “A trágica transparência do vírus”, Sousa Santos faz uma provocação com o que chama de “megacidão” monstruoso que tem somente direitos e nenhum dever. Ele vai provocando um debate de como a política foi tomada por esse “ser onipresente” multifacetado. Esse mesmo ente sentiu um abalo muito forte com esta pandemia, mas fortemente luta para se manter dando as cartas do jogo. Em decorrência da pandemia, estando à mercê do mercado, sem receber qualquer proteção do Estado, estaríamos nós ampliando o uso do conceito de vida nua de Giorgio Agamben (2002)? Segundo o autor, podemos pensar que talvez essa característica de tornar a humanidade frágil tenha sua origem no século XVII com o advento daquilo que ele chama de “unicórnios” – metáfora de autoria de Leonardo da Vinci: seres selvagens e incapazes de autocontrole, logo impetuosos, e que representariam o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo. Tríade essa que serve para problematizar a relação ora de um, ora de outro com a pandemia.

Boaventura aponta ainda sobre o distanciamento do debate público tanto dos intelectuais quanto dos políticos, atores que não medeiam mais o debate público. A política junto às redes sociais ganhou vida própria; uma vida muito perigosa nos últimos tempos.

No capítulo 3, “A sul da quarentena”, ele usa uma metáfora geográfica, o “sul”, para enquadrar a vulnerabilidade de populações específicas. Sem necessariamente fazer uma análise sobre as relações hierárquicas de poder, mas citando-as, ele aponta para o peso que recai sobre a condição das mulheres na pandemia. Desde uma condição laboral até familiar,

uma sobrecarga ainda maior do que nos tempos antes chamados “normais”. Como se já fosse normal a desigualdade enfrentada antes da pandemia.

Ele cita também a violência da pandemia principalmente contra a população que vive de trabalho não formal e que ficou à própria sorte por várias semanas, em alguns lugares, sem atenção adequada ou emergencial do Estado para lhes auxiliar neste momento difícil. Isto como resultado de uma política já instaurada internacionalmente de afronta aos direitos dos trabalhadores. Ele destaca, ainda, que a própria OMS não reconheceu a vulnerabilidade dessas populações quando estabeleceu as quarentenas compulsórias em nível mundial.

É presente no texto de Boaventura que a sua noção de quarentena, quando escreveu o ensaio, é muito mais rigorosa do que se vê, por exemplo, no Brasil. Ele fala da realidade de um isolamento quase “total”, coisa que não se vê nem de perto em terras verde-amarelas.

No fim no quarto capítulo, chamado “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor lista as lições que o vírus deixa para a humanidade. Nessas supostas lições, ele elenca desde a natureza de outras mazelas humanas como a destruição do planeta, a seletividade da mortalidade do vírus, até uma crítica ao capitalismo como modelo produtivo. Ele aponta que os governos que estão de alguma maneira enfrentando melhor a pandemia, por exemplo, são aqueles que aderiram, em menor grau, ao modelo neoliberal mais radical.

No quinto capítulo, “O futuro pode começar hoje”, Boaventura lista cinco lições, passando pelas diversas possibilidades de reflexão que o vírus pode deixar para a humanidade. Desde a necessidade de um retorno a um olhar sustentável em relação ao meio ambiente até uma crítica severa à cisão existente entre os processos políticos e a falta de um debate sobre um futuro possível, distante do capitalismo de mercado vivenciado nos dias de hoje. No fim da quinta lição, ele faz uma pergunta interessante e inquietante: passada a pandemia, o que virá depois?

Talvez ele seja um otimista exacerbado quando acredita que a extrema direita e os radicais neoliberais ficarão desacreditados a partir do enfrentamento que deram à pandemia. Ou, ainda, que o “capitalismo de mercado” possa ser repensado devido às mazelas que deixa no presente e que está deixando ao futuro global, o que parece ser muito mais um “desejo” do autor do que um possível futuro.

Em épocas de notícias falsas e desconsideração da ciência, penso que essa obra talvez não traga nenhuma “grande” novidade aos intelectuais que já se preocupam com as discussões que o autor propõe, mas pode servir para leitores interessados que sejam leigos, não inseridos no mundo acadêmico. Boaventura de Sousa Santos faz um passeio, quase em tempo real da

Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 6, n. 2, p. 271-274, jul./dez. 2020
ISSN eletrônico: 2447-6498

pandemia do coronavírus, e visita os sofrimentos humanitários e os descompassos de governos negacionistas, alimentados por um sistema cada vez mais devastador que é o capitalismo não produtivo. Assim, aqueles que lerem essa obra poderão ter uma visão mais ampla, ainda que rápida, daquilo que a pandemia nos fez, nos faz e ainda nos fará passar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TRONCA, Í. **As máscaras do medo**: lepra e aids. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.